



OLIVEIRA, Margarida de. "Oficina", marco divisório na literatura de Campinas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 mar., 1982.

"Oficina", marco divisório na literatura de Campinas

O Estado 14.3.82

MARGARIDA DE OLIVEIRA
Da sucursal de CAMPINAS

A literatura de Campinas está em processo de ebulição: a criação da primeira editora industrial na cidade — a Papyrus Editora —, motivada pelo trabalho conjunto de autores já publicados por outros editores, acontece no mesmo momento em que os novos escritores se tentam se firmar nesse campo. A antologia poética "Oficina", idealizada por cinco autores já conhecidos, com Heládio de Brito, Carlos Brandão e Régis de Moraes, que será lançada oficialmente no próximo dia 22, no Museu de Arte Contemporânea, é praticamente a responsável por essa evolução, além de criar um marco divisório na poesia local, até então dominada por autores tradicionalistas.

Com a criação da editora, pelo proprietário da Livraria Papyrus, Milton Cornacchia, que se diz um "apaixonado" pela literatura, Campinas tenta ser um ponto de referência principalmente para seus escritores, obrigados na maioria das vezes a recorrer às empresas da Capital e do Rio de Janeiro, eixos concentradores da maior circulação de obras literárias do País. Aos autores que se arriscam a lançar suas obras na cidade, só restam as chamadas "editoras de esquina" — gráficas que imprimem e vendem a produção ao próprio autor, responsável pela distribuição, feita mão a mão.

"Oficina" é o primeiro livro de uma série de 12 títulos, entre ficção, romance, textos técnicos, que a Papyrus Editora pretende lançar este ano. "Oficina", que sem lançamento já vendeu mais de 200 exemplares, 100 deles enviados para Portugal, é uma coletânea de poemas de cinco autores: Heládio de Brito, Régis de Moraes, Carlos Brandão, João Francisco e Pedro Mossri. Esse grupo foi formado a partir de encontros informais, que depois se tornaram frequentes, integrados mais tarde por autores novos como Eustáquio Gomes, jornalista, 29 anos, e Otaviano Pereira, professor, 30 anos.

O livro, como descrevem os próprios autores, traz a opção poética como um ato de engajamento no que a vida tem de mais delicado e profundo, "um mergulho particular capaz de desembocar nas coisas universais que acabam por interessar a toda gente". Em cada uma das partes do livro, os poetas apresentam um texto no qual procuram falar de sua oficina interior de trabalho, colocando as emoções que são "cotidianamente trabalhadas".

Para Eustáquio Gomes, que já possui livros publicados em São Paulo, como a coletânea de contos "A Mulher que virou Canoa", pela L'Oren, em 78, considera "Oficina" como a "reunião do que melhor se produz em matéria poética em Campinas, com parâmetro e nível nacional". Segundo Gomes, a cidade estava defasada em 60 anos em termos de poesia, "porque de 1922 para cá houve apenas coisas isoladas, sem maior repercussão".

Na verdade, a falta de vida editorial na cidade foi um dos principais fatores de desestímulo aos escritores de Campinas. Heládio de Brito, por exemplo, um empresário extremamente dedicado à literatura, desde 53 havia deixado de escrever. O último título de sua autoria foi "Cantigas do quem será", elogiado até mesmo por Drummond e Bandeira.

O grupo de escritores, que se reúne semanalmente na Papyrus, acha que através desse movimento que se inicia pode medir-se a nova temperatura literária da cidade: "Não temos proposta definida, mas estamos apostando no futuro, porque nosso grupo alterou o panorama literário de Campinas", afirma Régis de Moraes, 41 anos, mineiro de Passa-Quatro, autor de "Queda de Areia", e de um ensaio sobre violência urbana, Best-Seller da Editora Brasileira.

Segundo Carlos Brandão, 42 anos, professor de antropologia na Unicamp e ponta-de-lança da poesia Praxis em Goiânia, a idéia do grupo é fazer da Papyrus uma editora "não provinciana", para tentar lançar a cultura de Campinas no mercado nacional. "Acho que a cultura de província tem um papel muito importante dentro da cultura nacional mas, por outro lado, considero inconcebível que uma cidade como Campinas ainda se nutra, em 82, de uma vida cultural totalmente provinciana", afirma Brandão, que teve seu livro de poemas "Os Objetos do Dia", prefaciado por Mário Chamie.

Para Gomes, "é importante dizer que se há uma ebulição na cidade, ela é feita principalmente por dois cariocas e três mineiros, pessoas que tiveram uma formação cultural fora daqui". Mas por que uma cidade como Campinas, terceira praça bancária do País, um dos grandes centros urbanos industriais e educacionais, com uma orquestra sinfônica conhecida nacionalmente, teatro amador emergente e profissional nascente possui uma vida literária acanhada?

Brandão observa que "o processo que produz isso é de tal complexidade que rompê-lo é igualmente complexo". Já para Eustáquio Gomes, a proximidade com São Paulo faz com que Campinas tenha pouca ressonância na área cultural, "além da visão amadorística que sempre prevaleceu na cidade". A margem desse movimento literário emergente na cidade existe o trabalho das Academias Campinense e Campineira de Letras, às quais, segundo Régis de Moraes, "falta contemporaneidade". Ainda de acordo com os autores, em Campinas existe uma sociedade tradicionalista muito zelosa das reminiscências do baronato do café. "A educação literária da cidade — afirma Gomes — foi condicionada a um grupo de professores que prevaleceu até 1960. O material didático e para-didático adotado por eles era pré-22. São professores que tiveram uma formação parnasiana e chegaram no máximo até o simbolismo. Nós estamos tentando romper isso." Para Moraes, o efeito já começa a surgir, "pois essa ala tradicionalista está prestando muita atenção ao livro 'Oficina'."